

Sintonizado em quê?

O assustador renascimento da estetização da política¹

Attuning to What?

The uncanny revival of the aestheticization of politics

¿Sintonizar con qué?

El asombroso renacimiento de la estetización de la política

Mathias Fuchs

Leuphana Universität Lüneburg | mathias.fuchs@leuphana.de

Submissão: 31 ago. 2022

Aceite: 22 out. 2022

Tradução: **Eduardo Luersen** | Universität Konstanz | eduardo.luersen@uni-konstanz.de

¹ A versão original deste artigo, sob o título *Attuning to what? The uncanny revival of the aestheticization of politics*, foi publicada no livro *Affective transformations: politics-algorithms-media*, editado por Bernd Bösel e Serjoscha Wiemer (Meson Press, 2020). O trabalho de tradução foi realizado no âmbito da Estratégia de Excelência, iniciativa promovida pelos Governos Federal e Estaduais da Alemanha.

Resumo: Em *Keywords for affect*, Brian Massumi estabelece uma íntima conexão entre afeto, estética, política e corpo, afirmando que a política estética traz ao primeiro plano o caráter coletivo das situações partilhadas. Esse jargão reaviva lembranças do lado sombrio da estetização dos fenômenos políticos. Este artigo relaciona os conceitos de Massumi a sondagens anteriores sobre *sintonia afetiva*, situando em um contexto histórico as tentativas de substituir a racionalidade pelas disposições corporais.

Palavras-chave: política afetiva; sintonia; estética; teoria crítica; tecnologias de comunicação remota.

Abstract: In his *Keywords for affect*, Brian Massumi establishes a close connection between affect, aesthetics, politics and the body, stating that aesthetic politics brings the collectivity of shared events to the fore. Memories of the dark side of an aestheticization of political phenomena are roused. This article tries to relate Massumi's concepts to earlier speculations about *affective attunement* and to put into a historic context the attempts to replace rationality with bodily intensities.

Keywords: affective politics; attunement; aesthetics; critical theory; remote communication technologies.

Resumen: En *Keywords for affect*, Brian Massumi establece una íntima conexión entre afecto, estética, política y el cuerpo, afirmando que la política estética pone de manifiesto el carácter colectivo de las situaciones compartidas. Este lenguaje reaviva el recuerdo del lado oscuro de la estetización de los fenómenos políticos. El presente artículo relaciona los conceptos de Massumi con sondeos anteriores sobre la sintonía afectiva, situando en un contexto histórico los intentos de sustituir la racionalidad por las disposiciones corporales.

Palabras clave: política afectiva; sintonía; estética; teoría crítica; tecnologías de comunicación a distancia.

“O pensamento político floresce com a consciência primária, não cognitiva”.

Brian Massumi (2014, p. 40)

O debate sobre o potencial transformador dos afetos não se trata apenas de um discurso sobre a psicologia do conhecimento pré-cognitivo. Trata-se também de um debate sobre percepção e estética, que toca na sensível questão da política dos afetos. Distantes de uma perspectiva iluminista da política como tomada de decisão racional, ou ainda da teoria habermasiana da ação comunicativa (HABERMAS, 1984, diversos autores sugerem que a política pode ser motivada, inspirada e moldada pelos afetos, em vez da razão crítica ou da ação comunicativa. A noção de *sintonia* (*attunement*) é essencial para a compreensão de uma política fundamentada nos afetos. Nesse sentido, apresento a seguir o conceito de sintonia, partindo de teorias filosóficas, psicológicas e esotéricas das décadas de 1940 e 1950.

É surpreendente que uma escola de pensamento filosófico – composta por Brian Massumi, Erin Manning e alguns de seus alunos – recomende de forma veemente que os afetos devam distinguir-se do pensamento consciente e das emoções, precedendo a psicologia e a esfera social na elaboração política. Esses autores sugerem, muitas vezes de forma vaga e ambígua, que o afeto seja elevado à condição de protagonista na condução da política e da sociedade. Este entendimento enigmático gera estranhamento quando comparado a uma compreensão da política que a concebe como um processo racional – e que pressupõe que a sociedade seja maleável e passível de aprimoramento através do pensamento esclarecido – ou, alternativamente, através da ação comunicativa (HABERMAS, 1984). Em *Keywords for affect*, Massumi (2015b, p. 110-111) discute uma “política afetiva”, apropriando-se da fórmula de Alfred North Whitehead de *intensidade de contrastes* e interpretando a sua própria “política alternativa e afetiva” enquanto uma forma de política orientada pelos afetos. Em certo ponto, Massumi parece até surpreso com o seu próprio raciocínio. Como poderiam, afinal, os mesmos tipos de afetos que William James (1884, p. 190) atribuiu à *maquinaria neural* (definida pelo próprio como a responsável pelas diversas emoções) assumir o papel de uma força motriz da política?

Concordamos com Massumi (2015b, p. 111), quando ele conclui que isso tudo “não soa muito político. Não no sentido que normalmente atribuímos ao termo”. Não há como duvidar que Massumi está correto aqui. Entendemos a política como ação coletiva no campo das relações sociais, de poder e propriedade, e no acesso aos meios de produção. Nem sempre temos consciência dessas relações, mas deveríamos ao menos tentar racionalizá-las. A política é diferente dos sistemas de crença ou dos sentimentos incompreensíveis, na medida em que ela pode ser debatida. Os próprios textos de Massumi são a prova disso. Entretanto, Massumi (2015b, p. 111) chega a uma conclusão que poucos desde Leni Riefenstahl ousariam sugerir²: “A política estética traz ao primeiro plano o caráter coletivo

² Leitores alemães devem encontrar um sério problema com essas colocações. Afinal, sempre que são mencionados em uma mesma frase os termos “corpo”, “comunidade” e “futuro” (*Körper, Gemeinschaft, Zukunft*), surge uma lembrança imediata daquilo que Leni Riefenstahl buscou exprimir em *Triunfo da Vontade* (1935), o infame filme-propaganda do Partido Nazista sobre o comício realizado na cidade de Nuremberg, em 1934. O vocabulário reaviva lembranças sobre o lado sombrio da estetização dos fenômenos políticos. Muitos diretores, →

das situações partilhadas, [...] emprestando um potencial corpóreo múltiplo aos acontecimentos por vir”. Quem não ficaria alarmado pela semelhança entre esse discurso e o cinema-propaganda ao estilo de *Olympia-Fest der Völker* (Leni Riefenstahl, 1938) e *La Nave Bianca* (Roberto Rossellini, 1941)? Há quase um século, notoriamente, Walter Benjamin (2002) denunciou aquilo que hoje é promovido por Massumi. Para Benjamin, a *estetização da política* era um ingrediente-chave do fascismo. Em vez disso, deveríamos *politizar a estética*. Massumi (2015b, p. 108) manifesta interesse – mas também uma falta de distância crítica – em relação aos processos que têm sido utilizados para fins de propaganda e manipulação, ao afirmar que os “corpos podem ser induzidos, ou sintonizados, a determinadas tendências, potenciais e situações futuras”. Petteri Pietikainen (2017, p. 20) avalia quais seriam as consequências para a política, se a complexidade dos corpos partisse efetivamente de uma concepção tão simplista: “A política seria reduzida a nada mais do que um aperfeiçoamento dos mecanismos de seleção adaptativa”.

Acredito que Massumi escreva com a melhor das intenções, e quando ele cita o uso bem-sucedido da política afetiva na eleição do ex-presidente [dos Estados Unidos] Barack Obama, não há qualquer esforço para esconder a sua simpatia pelo mesmo. Todavia, é preocupante que logo após a publicação do livro de Massumi, outro presidente estadunidense tenha utilizado a política dos afetos para objetivos menos desejáveis do que aqueles da administração anterior. Hoje, é necessário que um reparo seja feito à avaliação positiva de Massumi (2015b, p. 109) sobre “a campanha de Obama, voltada a recuperar a esperança no lugar do medo”. Sob certas circunstâncias, o resgate da esperança no lugar do medo pode ser seguido de perto por processos de transformação da esperança em terror. Em outro sentido, portanto, sua afirmação sobre a *reserva de potencial político* demanda maior reflexão e uma advertência sobre a *reserva de destrutividade política* que também advém da sintonia afetiva entre os corpos coletivos.

Sintonia afetiva: a luz divina

Em *Keywords for affect*, as considerações sobre *sintonia* se baseiam na obra de Daniel Stern (1985), mais diretamente, e no conceito de “micropercepções” de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980), mais indiretamente (MASSUMI, 2015b, p. 107). A noção de *sintonia*, portanto, está enraizada na psicanálise experimental e na filosofia francesa contemporânea. Guattari baseou-se no trabalho de Stern, que observou como bebês exploram e conhecem o ambiente a partir de uma inter-relação empática com suas babás, antes de desenvolverem quaisquer capacidades linguísticas. Stern (1985, p. 138-161) chama essa forma de percepção de *sintonia afetiva*. Ainda que o termo seja frequentemente associado a estes filósofos, suas raízes provêm da instrução esotérica e de outras doutrinas questionáveis menos conhecidas. Ao seguirmos o fio de influências do conceito de *sintonia afetiva* de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Daniel Stern, chegamos a gurus-curandeiros como Lloyd Arthur Meeker e ao controverso pseudocientista Albert Ackerley.

→ escritores e pintores alemães da década de 1930 alinhavam-se a Riefenstahl, fazendo apologia ao regime de forma velada, por meio de uma correspondência anímica com os ideais dos poderosos.

Em seus artigos paracientíficos, Meeker (1988), que preferia ser chamado pelo codinome Uranda, propõe que a sintonia afetiva trata-se do mecanismo fundamental da “medicina energética”. Meeker e seu grupo espiritualista – Os Emissários da Luz Divina – lecionavam um método de cura baseado em energias corpóreas e etéreas. Nos cursos de treinamento realizados no Sunrise Ranch, retiro espiritual do culto esotérico, os curandeiros aprendizes procuravam desenvolver a competência de mobilizar as forças invisíveis dentro do triângulo Deus-Paciente-Quiropraxista (GPC, na sigla original³). Esperava-se que o método GPC pudesse ser uma ferramenta eficiente para “compensar desalinhamentos” do corpo e suprimir a dor. Ainda que originalmente houvesse um embasamento no contato físico entre paciente e terapeuta, os curandeiros logo passaram a vislumbrar novas possibilidades. Ackerley, que inicialmente trabalhara com Meeker nas funções de assistente e gerente de marketing, começou a experimentar com uma abordagem dita *teleterapêutica*. Se, inicialmente, Ackerley propunha estabelecer o triângulo GPC sem tocar o paciente, ele logo passou a estender o alcance dos supostos raios de cura, passando de apenas alguns metros para distâncias transcontinentais.

A atmosfera intelectual dos Estados Unidos nas décadas de 1940 e 1950 fornecia um campo fértil para as teorias baseadas em fluxos energéticos, manipulação remota e transmissões sem contato direto. Isso também oportunizou que os Emissários estabelecessem seu culto como um empreendimento científico. Em meados do século XX, as terapias holísticas a distância, as comunidades de rádio amador, o Projeto Manhattan e a pesquisa cibernética floresceram e contaram com ampla difusão. Todas essas iniciativas foram sustentadas por sensações de esperança e pelo temor de que haveria *alguma coisa lá em cima, vagando pelo ar*. Para uma assombração coletiva, tanto faz se os agentes remotos “lá em cima” são bombardeiros alemães, estações de rádio ou raios de energia divina.

Sociedade teleológica: viagens através do telégrafo

Também convém lembrar aqui do Encontro Sobre a Inibição Cerebral, importante conferência realizada no ano de 1942, em Nova York. Esse evento, que precedeu as Conferências Macy⁴, estabeleceu a hipnose como um tema relevante a ser debatido por um eminente grupo de cientistas. Nas conferências, a comunicação hipnótica passou a ser examinada como um procedimento técnico e imaterial de telecontrole remoto. Um ano após o Encontro sobre a Inibição Cerebral, Ross Ashby e Norbert Wiener batizaram o grupo (que também era integrado por Gregory Bason, Margaret Mead, Warren McCulloch, Frank Fremont-Smith, entre outros) com o nome de Sociedade Teleológica (MASANI, 1997, p. 490).

³ N.T.: Do original, *God-Patient-Chiropracter*.

⁴ N.T.: Entre 1946 e 1953, a Macy Foundation patrocinou uma série de conferências, reunindo uma comunidade de pesquisadores de diversas áreas com a finalidade de lançar as bases para a nova ciência da cibernética. As chamadas Conferências Macy constituíram um marco para o campo, desenvolvendo um novo jargão em torno de termos como *informação* e *feedback* e uma teoria amplamente aplicável, constituída em torno de estruturas de sistemas complexos aplicáveis a seres vivos e máquinas, processos econômicos e cognitivos, de modo presumidamente coeso entre as diversas disciplinas. Ver: Pias (2016).

Wiener fantasiava ser capaz de teletransportar um arquiteto, o que é emblemático de sua obsessão por encontrar um modo de realizar viagens descorporalizadas. Em *The human use of human beings: cybernetics and society*⁵, Wiener (1967) propõe o seguinte experimento mental: caso pudéssemos codificar a estrutura do aparato decisório humano em uma mensagem, um arquiteto envolvido no planejamento de um prédio em uma localidade remota poderia enviar o seu projeto pelas linhas telegráficas. De algum modo, isso seria equivalente a reconstruir o próprio arquiteto, em carne e osso, naquele local. Nas palavras do próprio Wiener (1967, p. 139-140), “a ideia de que seja possível viajar pelo telégrafo, tal como viajamos de trem ou avião, não é essencialmente absurda”.

Ouvindo vozes

O tema da comunicação intercorporal se tornou um desafio tanto para cientistas, como Ashby e Wiener, quanto para curandeiros esotéricos, como Meeker e Ackerley. Tais formulações estavam no cerne das discussões sobre experiência paranormal (que perderam até hoje em dia). Lisa Blackman (2010, p. 164) afirma que a promessa anterior de transferência telepática fundamentou a perspectiva espiritualista de *ouvir vozes*:

Um caso que me deixou perplexa [...] foi a operação afetiva envolvida nas práticas da Igreja Espiritualista britânica, em que vozes encenadas davam forma a uma transferência telepática; isto é, a compreensão de que as vozes poderiam ser ouvidas e transferidas entre membros do grupo, ou mesmo entre os vivos e os mortos.

No caso da escuta de vozes, a voz inaudível deve se fazer perceptível pelos membros da comunidade espiritual, o que implica em dar a ela um corpo físico, em um processo de materialização de um desejo ou de uma expectativa. Conforme Blackman (2010, p. 164) explica, o truque da materialização só pode ser realizado a partir de um método chamado de *sintonia*:

O ouvinte passa a focar a sua atenção nos sentimentos, sensações, ritmos e movimentos que lhe permitem sintonizar-se aos aspectos mais intensos e pré-verbais das vozes. Tal sintonia deve se estabelecer no âmago de um ambiente conhecido como *ciclo de desenvolvimento*, que conecta os membros do grupo para que experimentem um “fluxo de energia” na sala ou no espaço designado. [...] As vozes [...] se tornam então uma experiência partilhada, em vez de isolada. Há, portanto, um modo de *estar juntos* que media a relação com as vozes e permite que elas sejam consideradas intercorporais e plurais, de modo que as fronteiras entre o eu e o outro, o interior e o exterior, o material e o imaterial sejam dissolvidas.

Na década de 1940, a ideia de transmissão imediata tornou-se um tema popular. Foi na mesma década que Wiener sugeriu o teletransporte de arquitetos e que os Emissários

⁵ N.T.: A obra original foi publicada em 1950. A versão em português do livro de Wiener inverte título e subtítulo: *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos* (Cultrix, 1989).

passaram a praticar curandeirismo a distância. Além disso, ainda nos anos 1940, tanto no Ocidente como no Oriente, os serviços secretos começaram a realizar experimentos com tecnologias telemáticas. É desconcertante lembrar que os agentes da Komitet Gosudars-tvennoi Bezopasnosti (KGB) cortavam a garganta de um coelho em Leningrado para tentar medir o grau de atraso na reação de um coelho gêmeo em Vladivostoque. Em um contexto de Guerra Fria, a ideia subjacente era que, se de alguma forma a informação pudesse viajar mais rápido do que a velocidade da luz, armas muito poderosas poderiam ser desenvolvidas a partir da transmissão imediata de sinais. As pesquisas do exército dos Estados Unidos também flertavam com a ficção científica. Os especialistas em tecnologias de comunicação sem fio, controle telemático e radiação nuclear trabalhavam no limite daquilo que hoje é considerado científico. É até compreensível a suspeita dos Emissários da Luz Divina de que o avião de seu líder, Lloyd Arthur Meeker, tenha sido sequestrado e derrubado a tiros pela Central Intelligence Agency (CIA) sob o pretexto de compreender melhor os segredos da sintonia.

Na década de 1950, projetos militares e investigações secretas foram conduzidos até mesmo no ambiente universitário, em laboratórios de segurança máxima gerenciados pela CIA e pela KGB. Tais pesquisas convergiam com experimentos esotéricos envolvendo a ideia de sintonia remota, sob a seguinte suposição: assassinatos, curas, operações econômicas, projetos urbanísticos e serviços técnicos poderiam ser realizados sem contato físico e de maneira instantânea. Essas tarefas, supunha-se, poderiam ser executadas de forma ubíqua, independentemente das condições materiais de comunicação.

Essas ideias perderam um pouco do interesse público durante os anos 1970 e 1980, mas foram revigoradas no final do século XX, a partir de determinadas concepções acerca das tecnologias de comunicação remota. Massumi (2015a, p. 115) adota a terminologia predominante nas discussões sobre tecnologia nos anos 1950. Ele explica, por exemplo, que a imediação “tem mais a ver com os efeitos dos campos eletromagnéticos complexos, e com a sua amplificação e propagação ondulatória, do que com transmissões ponto a ponto”, e que “a sintonia se refere à captura direta da atenção e das energias de um dado acontecimento”. As ondas e a energia, todavia, não são mais aspectos considerados paradigmáticos ao pensarmos nas formas de conectividade contemporâneas. O vocabulário dos engenheiros eletricitistas foi suplantado por conceitos das ciências da computação: nuvem, computação ubíqua, rede mundial de computadores, telemedicina e realidade virtual. Esta é a espinha dorsal estrutural da conectividade ilimitada. Tais conceitos são complementados por um aparato material composto por drones, câmeras de vigilância e aparelhos celulares. Fábulas populares da divulgação científica são tiradas de contexto para fundamentar o paradigma da *conectividade* (ASCOTT, 2020) e da *superconectividade* (ASCOTT, 1988), como a alegoria da borboleta que, ao bater suas asas, imediatamente causa um furacão em algum lugar do outro lado do mundo.

Política afetiva como estetização da política

É preciso dizer que a abordagem teórica, o jargão cuidadosamente escolhido e o *ethos* político de Massumi o separam dos Emissários da Luz Divina. A teoria de Massumi é bem diferente da visão de Meeker, em diversos aspectos. Sabiamente, o teórico insiste

que há sempre uma “diferença real”, apontando que o “sentir-pensar” nunca é um fenômeno totalmente homogêneo (MASSUMI, 2015b, p. 115), diferentemente do que gostariam de crer tanto espiritualistas quanto fascistas. Ainda assim, é difícil perdoar Massumi por utilizar as noções de sintonia de Stern e Guattari sem sequer mencionar sua conotação e suas implicações irracionais. Uma coisa é desejar e depositar esperanças em alguma forma pré-social e pré-linguística de conectividade entre o corpo e “as massas”, ao modo de um romantismo hippie tardio. Outra coisa, muito diferente, é advogar que a política se oriente pela sintonia: trata-se de uma sugestão politicamente perigosa para uma época em que o conceito vago de “política alternativa, cotidiana e passional” (MASSUMI, 2015b, p. 109) pode servir ao interesse de atores políticos dispostos a substituir a solidariedade, o discurso crítico e a consciência sociopolítica pela sintonia coletiva. Conceber a política como “um evento político [...] distribuído através do corpo” significa promover aquilo que Walter Benjamin, sabiamente, denunciou: a estetização da política.

Benjamin (2002, p. 112) sugere a reversão da estetização no campo da política, ao afirmar que

as massas têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o fascismo permite que elas se expressem, conservando, ao mesmo tempo, essas relações. Ele desemboca, conseqüentemente, na estetização da vida política. [...] Eis a estetização da política, como a pratica o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte.

Poderíamos dizer, portanto, que, ao concentrar-se na expressividade, a *política afetiva* de Massumi se esquece das estruturas de propriedade sobre as quais Benjamin nos alertara? É muito difícil imaginar como a economia política poderia se encaixar no sistema de uma economia dos afetos. A primeira só faz sentido se houver alguma possibilidade de conceber as relações de modo racional. A última está interessada em processos inconscientes. Em sua obra *The power at the end of the economy* (2015c), Massumi destaca a importância das *dimensões inconscientes* e da capacidade afetiva de qualquer indivíduo para *ressoar* com os outros em um nível infraindividual ou transindividual. Tal projeto está fadado a chegar a um determinado ponto onde, fatalmente, a competência analítica é substituída pela estetização das relações econômicas e políticas.

Kerstin Stakemeier (apud BEHRENS, 2015, online) sugere que a estetização da política se fundamenta em uma noção de estética que “não é especificamente reacionária. Ela é, pelo contrário, progressista, na concepção capitalista do termo. Ela mobiliza uma fusão da verve estética do imediatismo com o distanciamento administrativo que é típico da política”. A autora observa ainda que o caráter evasivo da estética se ajusta confortavelmente aos pressupostos pós-fordistas de produtividade contínua e sem limites. Seguindo este raciocínio, fica nítido que o modelo explicativo da “política alternativa dos afetos” sofre da mesma anomalia que a sociedade que o criou. Falta negatividade. Tal modelo está intimamente alinhado ao seu objeto de investigação, a sociedade capitalista. Ele substitui o pensamento por *vibes*, celebrando o instinto como uma força produtiva e posicionando o humano “no contínuo animal” (MASSUMI, 2014, p. 3). De acordo com Massumi (2014, p.

3), deveríamos ultrapassar “o exclusivismo de nossa linguagem, pensamento e criatividade”. Desculparmo-nos pela superestimação antropocêntrica das atividades de pensar e agir racionalmente é, sem dúvidas, um nobre gesto de humildade. Porém, a conclusão de que precisaríamos, a partir daí, “aferir o que os pássaros e animais silvestres têm a dizer sobre isso tudo, instintivamente” (MASSUMI, 2014, p. 3), deve nos levar a uma grande frustração. Nossos problemas não serão resolvidos pelos animais. Quando Massumi (2014) questiona “o que os animais nos ensinam sobre a política”⁶, ele provavelmente recorre a maus conselheiros. Os animais serão explorados e aniquilados pelo mesmo sistema que nos explora. Seria mais adequado analisarmos este sistema racionalmente, por meio da linguagem, do pensamento e da criatividade, do que indagarmos os conhecimentos instintivos de nossos semelhantes vitimados, os animais silvestres, sobre o tema.

Referências

ASCOTT, Roy. *Art, technology, consciousness*. Portland: Intellect Books, 2000.

_____. Superconnectivity in deep dataspace. In: *European Media Art Festival Catalogue*. Osnabrück: Medienkunst Festival, 1988. p. 332-336.

BEHRENS, Roger. Interviews: die Ästhetisierung der Politik. *Mein Digitales Wohnzimmer*, 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://acortar.link/POPHoU>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. The work of art in the age of its technological reproducibility. In: EILAND, Howard; JENNINGS, Michael (Eds.). *Selected Writings*. v. 3. Cambridge: Harvard University Press, 2002. p. 101-133.

BLACKMAN, Lisa. Embodying affect: voice-hearing, telepathy, suggestion and modelling the non-conscious. *Body & Society*, London, v. 16, n. 1, p. 163-192, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: capitalismo et schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

HABERMAS, Jürgen. *Theory of communicative action: reason and the rationalization of society*. Boston: Beacon Press, 1984.

JAMES, William. What is an emotion? *Mind*, v. 9, n. 34, p. 188-205, abr. 1884.

MASANI, Pesi R. Norbert Wiener and the future of cybernetics. In: MANDREKAR, Vidyardhar; MASANI, Pesi R. (Eds.). *Norbert Wiener Centenary Congress*. Providence: American Mathematical Society, 1997, p. 473-504.

⁶ N.T.: Título do livro do autor. No idioma original, *What animals teach us about politics*.

MASSUMI, Brian. *Politics of affect*. Cambridge: Polity Press, 2015a.

_____. Keywords for affect. In: _____. *The power at the end of the economy*. Durham: Duke University Press, 2015b. p. 103-112.

_____. *The power at the end of the economy*. Durham: Duke University Press, 2015c.

_____. *What animals teach us about politics*. Durham: Duke University Press, 2014.

MEEKER, Lloyd Arthur. *The third sacred school: health, healing and attunements, part two*. Loveland: Emissaries of Divine Light, 1988.

PIAS, Claus. *Cybernetics: The Macy Conferences 1946-1953, the complete transactions*. Zurich: Diaphanes, 2016.

PIETIKAINEN, Petteri. Neurosis can still be your comforting friend: neurosis and maladjustment in Twentieth-Century medical and intellectual history. In: JOHNS, Charlie (Ed.). *The neurotic turn: inter-disciplinary correspondence on neurosis*. London: Repeater Books, 2017. p. 17-38.

STERN, Daniel. *The interpersonal world of the infant: a view from psychoanalysis & developmental psychology*. New York: Basic Books, 1985.

WIENER, Norbert. *The human use of human beings: cybernetics and society*. New York: Avon Books, 1967.

Mathias Fuchs

Pesquisador do Instituto de Cultura e Estética dos Meios Digitais (ICAM) na Universidade Leuphana (Alemanha) e pioneiro no campo da utilização de motores de jogos digitais em instalações artísticas. É escritor e teórico nas áreas de jogos artísticos, jogos sérios e filosofia dos jogos. Criou o primeiro Programa de Mestrado em Jogos Criativos da Europa, na Escola de Arte e Design da Universidade de Salford, em Manchester (Inglaterra). Projetou e apresentou trabalhos para ISEA94, ISEA2004, Resfest, Ars Electronica, PSi #11, Futuresonic, EAST e Millennium Dome de Greenwich. Desenvolveu jogos para museus, projetos de urbanismo e performances de teatro.